

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo: singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

The interdisciplinary act as a reaffirmation of the field: singularities and circumstances of the current journalism

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



JORGE ARLAN DE OLIVEIRA PEREIRA¹

RESUMO

O presente artigo busca compreender como tem se instalado um estado de tensão no campo disciplinar do jornalismo, resultante da cobertura jornalística realizada pelos meios de comunicação, das mudanças do comportamento social pelas novas tecnologias da informação e da falta de legitimidade das representações nas sociedades, com fragilização dos valores democráticos. Trabalha-se na perspectiva de que o que se encontra em crise, em última instância, não são os preceitos jornalísticos, mas suas práticas submetidas a critérios e condições que subvertem fundamentos do campo de conhecimento e da profissão. A presença destas práticas, nas condições objetivas mencionadas, constrói a impressão de que tais impasses inviabilizam o discurso tradicional do jornalismo, ao constituir um simulacro conceitual que (des)orienta a ação jornalística. A reorientação viria por um ingresso vertical nos fundamentos do campo.

PALAVRAS-CHAVE

Campo do conhecimento. Jornalismo. Crise. Ato interdisciplinar.

ABSTRACT

This article tries to understand how a state of tension in the disciplinary field of journalism has been established, resulting from the media coverage, the changes in social behavior by the new information technologies and the lack of legitimacy of representations in societies, with weakening of democratic values. We work in the perspective that, what is in crisis, in the last instance, is not the journalistic precepts but its practices submitted to criteria and conditions that subvert fundamentals of knowledge and profession fields. The presence of these practices, under the mentioned objective conditions, creates the impression that such impasses make the traditional discourse of journalism unfeasible, by constituting a conceptual simulacrum that (mis)leads journalistic action. The reorientation would come by a vertical entrance in the fundamentals of the field.

KEYWORDS

Field of knowledge. Journalism. Crisis. Interdisciplinary Act.

Recebido em: 11/03/2017. Aceito em: 29/06/2017.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UMEP. Especialista em Educação Popular e Compreensão da Realidade Social pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Email: jorgearlan.op@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4801621884390446>.

1 INTRODUÇÃO²

A organização da vida social, bem como a constituição do conhecimento, se caracteriza por processos contínuos de transformação, resultado de apreensões sempre parciais dos universos aos quais pertencem. São manifestações que expressam o acúmulo de experiências humanas e se situam na esfera da cultura, como construtos elaborados por indivíduos e grupos em suas inter-relações. A razão fundamental do caráter parcial do produto diz respeito à complexidade dos universos mencionados e pelo fato destes não serem conhecidos em sua totalidade.

Ao se exporem às incertezas e contradições, os universos da vida social e do conhecimento cultural são submetidos a percursos de constantes instabilidades, marcados por aquilo que se encontra estabelecido e pelo o que pode vir a ser, em movimentos de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio. Não alcançam, assim, a um estágio classificável de inteiramente constituído, sendo dimensionados nos marcos da transitoriedade. O caráter transitório, porém, não significa que deixem de alcançar um determinado grau de permanência no tempo e no espaço, com predisposição à formação de sistemas. O conjunto de elementos de um universo, mesmo que fragmentados, tendem a se relacionar numa lógica sistêmica de estabilidade transitória. Parodiando a linguagem poética de Vinicius de Moraes, poderíamos dizer que um sistema não é imortal, posto que é chama, mas é infinito enquanto dure (1960, p. 96).

Como os movimentos dos componentes de um sistema são constantes, em combinações e resultados nem sempre previstos, não há segurança quanto ao tempo de permanência de sua estabilidade transitória. Um sistema, dessa forma, sofre tensões que impossibilitam sua estabilidade definitiva, mas que, no entanto, não anulam a eficácia de sua estabilidade transitória. Isto significa que a transitoriedade permanece o tempo suficiente para o sistema produzir efeitos objetivos sobre a realidade, arranjo incompatível com a ideia de relativismos que se sustentam em percepções dispersas e meramente subjetivistas.

Por tais razões, um sistema apresenta uma perspectiva de duração muito superior ao que de suas partes isoladamente, condição que não retira de

² Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, em setembro de 2016.

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

qualquer de suas partes a capacidade de desorganizar o sistema ao longo do tempo. Quando a ação das partes, em micro movimentos, forem suficientes para afetar a harmonia de um sistema, este pode entrar em colapso, formando um quadro denominável de crise.

Entre as acepções de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986, p. 500) mais adequadas às discussões do presente artigo, conceituamos crise como um “estado de dúvidas e incertezas; também como fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos, das ideias.” Interessa-nos ainda as que nomeia crise como

ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão ou vice-versa; situação grave em que os acontecimentos da vida social, rompendo padrões tradicionais, perturbam a organização de alguns ou de todos os grupos integrados na sociedade. (FERREIRA, 1986, p. 500).

38 | Dentro de suas especificações e dimensionamentos, tratamos aqui, como sistemas, o regime democrático de governo e o campo do Jornalismo, estabelecendo determinadas relações entre eles. Partimos da compreensão de que “a democracia repousa sobre o conceito de autogoverno ou de soberania popular, segundo o qual as decisões políticas de interesse da comunidade competem em última instância aos cidadãos, diretamente ou através de representantes.” (MARTINS NETO, 2008, p. 49). Acrescente-se o entendimento de que “o princípio da democracia só pode aparecer como núcleo de um sistema de direitos.” (HABERMAS, 2012, p. 158). A liberdade de expressão configura um dos pontos de encontro mais importantes entre os fundamentos da democracia e do jornalismo. “Uma das mais evidentes razões de proteção da liberdade de expressão consiste em promover o funcionamento do modelo democrático de governo.” (MARTINS NETO, 2008, p. 49).

Recorremos a Pierre Bourdieu (1997, p. 55) para conceituar o campo do Jornalismo, em que ele afirma que “o mundo do jornalismo é microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte dos outros microcosmos.” O autor argumenta que “dizer que ele é autônomo, que tem sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos.” (1997, p. 55).

A democracia e o Jornalismo, compreendidos como sistemas específicos e distintos, compartilham uma característica nas suas formas modernas de estruturação: o sentido da mediação e da representação. No regime democrático, os eleitos serão os representantes do povo, no papel de mediadores das opiniões e interesses dos seus representados. O Jornalismo tem assumido discursivamente a posição de quem representa o público na missão de fiscalizar os poderes constituídos, como também de mediador, na condição de propositor, da pauta dos assuntos de relevância pública.

Embora não seja objeto direto deste estudo, explicitamos nosso entendimento de que o sistema democrático se encontra em um estado de dúvidas e incertezas, assim como atravessa uma fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos fatos e das ideias que o constituem. Percebe-se um distanciamento grande entre os representantes, assim que ocupam os respectivos espaços institucionais, e seus representados, a ponto de aqueles se tornarem autônomos em relação a estes.

Nosso enfoque principal é discutir a condição atual do Jornalismo, sendo as referências feitas à democracia apenas uma tentativa de demonstrar que os problemas do Jornalismo fazem parte de um contexto mais amplo. Compreendemos que os princípios jornalísticos, em sua proposição sistêmica, vivem igualmente um estado de dúvidas e incertezas, atravessando também uma fase difícil, grave, na evolução das suas coisas, fatos e ideias. O campo do Jornalismo se institui pela demarcação de um conjunto de conhecimentos e atributos específicos que, dimensionados, caracterizam uma disciplina, expressos, conceitualmente, em um discurso.

Entre os componentes fundamentais do discurso jornalístico constam o de ser um caminho singular de conhecimento da realidade social, a partir do esclarecimento do cidadão, num incentivo à autonomia, à consciência e à participação na vida comunitária, com respeito às liberdades individuais. Preocupa-se em oferecer uma orientação à opinião pública, nos marcos da democracia, da pluralidade e da justiça social. Na proposição de Luiz Beltrão (2008, p. 67), "jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum.”

Ao articular seus princípios em torno de um discurso, inserindo-se nas estruturas midiáticas e nos processos acadêmicos e profissionais, o Jornalismo pode ser identificado como um sistema. Tratamos esta configuração sistêmica como campo social do conhecimento ou campo disciplinar. A estabilidade transitória do sistema jornalístico, ao harmonizar a relação entre os seus componentes, decorre de um bem-sucedido desenvolvimento de sua lógica interna. Neste campo social estruturado há relações constantes de desigualdade entre dominantes e dominados, em embates permanentes para transformá-lo ou conservá-lo.

Os fatores internos, porém, não são os únicos a determinar o funcionamento desse sistema, uma vez que ele se submete a ação de fatores externos, ou seja, o campo do jornalismo impõe dinâmicas a outros campos, bem como depende do dinamismo destes. Como nos observa Bourdieu (1997, p. 76), o campo jornalístico age, enquanto campo, sobre os outros campos. “Em outras palavras, um campo, ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos.” (BOURDIEU, 1997, p. 81).

Compreendemos que a relação atual entre fatores internos e externos cria um estado de tensão e afeta a estabilidade transitória, a ponto de deflagrar um ambiente de crise no campo disciplinar do Jornalismo. Os equívocos frequentes e de elevadas proporções nas atribuições de promover representação e mediação social seriam sinais de um esgotamento do discurso e da impossibilidade de a ação jornalística corresponder aos seus fundamentos históricos.

As contradições no campo do jornalismo se acentuaram no contexto da chamada sociedade da informação, quando determinadas funções que desempenhava tradicionalmente parecem hoje dispensáveis ou passaram a ser cumpridas por outros agentes. Temos uma nova realidade em que não só os meios de comunicação são midiáticos, mas os próprios indivíduos são midiáticos. Há um conjunto imenso de informações que circulam à margem dos espaços e dos suportes jornalísticos tradicionais.

As novas tecnologias de informação e comunicação impuseram ao jornalista o desafio, por exemplo, de observar, simultaneamente, uma realidade direta e uma realidade hipermediada. São tempos de diversificação de caminhos informativos, em ritmo cada vez mais acelerado pelo qual a velocidade tende a assumir um valor próprio, como fetiche que se sobrepõe ao valor de uso social do produto. Vivemos uma época também denominada de a revolução das fontes, a solicitar do jornalismo outras estratégias de apuração da notícia. A convergência midiática, por outro lado, ainda não bem elucidada pelo campo, escancara um cenário de transformações que ocorreram desde os tempos em que o jornalismo impresso detinha a exclusividade.

Mesmo comprometido em desincumbir-se da tarefa, ficou mais difícil orientar a opinião pública, uma opinião submetida cada vez mais ao urgente, tornando produtor e leitor prisioneiros do aqui e agora. Não seria uma mediação referenciada no presente, a fim de revelar aspectos significativos da atualidade, mas uma busca frenética pelo registro do instante. Neste ritmo, perde-se o tempo da observação e da interpretação, deprecia-se o relevante em favor do interessante, mantém-se a investigação dos fatos no nível do senso comum, com riscos de aprofundar, ao contrário do que pretende, o sentido da alienação.

As discussões sobre as estruturas dos meios de comunicação fomentam o ambiente de crise no jornalismo. Configura-se um quadro de concentração das mídias convencionais nas mãos de poucos grupos; de presença dos meios convencionais nos espaços virtuais; de presença crescente de meios alternativos na internet; de movimentos de setores da sociedade pela democratização das mídias. São reatualizados temas como controle e transparência da informação, censura e liberdade de expressão, além da responsabilidade social da imprensa.

Não bastassem as dúvidas novas, o jornalismo continua a se deparar com antigas indagações a respeito dos processos de edição das matérias publicadas. Qual a coerência e representatividade dos critérios de noticiabilidade? Por que estas e não outras pautas? Qual a razão de serem estes e não aqueles os ângulos de abordagem? Por que estas e não outras fontes? Continuam sob olhar crítico a linguagem jornalística e suas narrativas, a validade do *lead*, as

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

classificações em gêneros informativo, opinativo e interpretativo, as percepções objetivas e subjetivas na produção da notícia, etc.

Neste ambiente de contradições, sobressaem as interrogações sobre a validade do discurso jornalístico. Discutimos aqui estas questões a partir da hipótese de que a complexidade da sociedade da informação, nos limites do capitalismo, produz um cenário de difícil discernimento. Características fundadoras do jornalismo vão perdendo a nitidez, com privilégio das formas e dos ritmos acelerados em detrimento do conteúdo, com o vetor dos negócios em sobreposição ao serviço pela sociabilidade, acrescido de um superdimensionamento do poder político das grandes estruturas midiáticas.

Para o enfrentamento do problema identificado, escolhemos, como suporte metodológico, discutir essa dispersão conceitual do jornalismo à luz de uma tese que possibilite o ingresso no interior do seu discurso. Haveria necessidade, então, de colocarmos em contraposição um conceito/prática de dimensões e adequado para o caso, pelo qual pudéssemos discutir o atual estado fragmentado do pensar e do fazer jornalístico.

42 |

Esta perspectiva se consolidou no sentido representado pela interdisciplinaridade, percebida como uma vertente que questiona o caráter monolítico predominante no campo científico, marcado por uma compreensão reducionista do conhecimento. A interdisciplinaridade é compreendida, por nós, como um caminho que oferece pistas para a superação da crise, ao menos estabelece um movimento intenso e complexo na direção de quadros mais promissores.

Considerando os entendimentos diferenciados a respeito do conceito, das incursões e do alcance da interdisciplinaridade, propomos aqui o referencial que orienta nossa leitura e aplicação do termo. Adotamos a perspectiva da dialética e da totalidade, conforme parâmetros explicitados em Karel Kosik, âmbito em que a concepção e o ato interdisciplinar ficam implicitamente inseridos e assumem determinada lógica.

Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função *dupla*, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; [...]. Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo

significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inserido no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. (1985, p. 40-41, grifo do autor).

Percebe-se que Kosik traz o elemento fundamental para potencializar o sentido que consideramos adequado de interdisciplinaridade, estipulando os parâmetros de compreensão, pelos quais lhe possibilita fustigar o reducionismo do pensamento científico, ao mesmo tempo em que não nega a ciência como expressão legítima de uma determinada racionalidade.

[...] o pensamento dialético parte do pressuposto de que o conhecimento humano se processa num movimento em espiral, do qual *cada início* é abstrato e relativo. Se a realidade é um todo dialético e estruturado, o conhecimento concreto da realidade não consiste em um acrescentamento sistemático de fatos a outros fatos, e de noções a outras noções. É um processo de *concretização* que procede do todo para as partes e das partes para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade; e justamente nesse processo de correlações em espiral no qual todos os conceitos entram em movimento *recíproco* e se elucidam mutuamente, atinge a concreticidade. (1985, p. 41-42, grifos do autor).

Kosik articula os conceitos centrais de dialética e de totalidade concreta, conjunção em que o conhecimento disciplinar não seria descredenciado sob o argumento raso de que carrega em si o sentido da simplificação demasiada do saber, portanto mecanicista, fruto de um positivismo que se deteriorou no tempo e na dinâmica das relações sociais. A disciplinaridade mantém o seu valor, por representar acúmulo e dimensionamento histórico de uma compreensão, enquanto mantiver relação de reciprocidade com o todo e não se autonomizar dele de modo permanente.

A interdisciplinaridade que avalizamos não constitui uma negação a priori do caráter disciplinar, pelo contrário toma-o como ponto de partida para tentar saber quais conhecimentos se encontram entre e além das disciplinas com as quais se relaciona. E admite a estrutura e a autonomia relativa de cada disciplina nas situações em que esta continue emanando elementos válidos para a sociedade e para a ciência.

Os componentes do atual cenário midiático nos permitem dizer que o Jornalismo se encontra em crise. Mas cabe perguntar qual é o caráter dessa

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

crise? Será preocupação deste artigo expor dados e argumentos no sentido de compreender as implicações do impasse, ao levar em conta os possíveis fatores da desestabilização.

2 DO DISCIPLINAR AO TRANSDISCIPLINAR

As discussões em torno da interdisciplinaridade surgiram na década de 1960, tomando corpo no *I Seminário Internacional sobre Pluri e Interdisciplinaridade*, realizado na Universidade de Nice, na França, em setembro de 1970. Neste mesmo evento, surge também, pela primeira vez, o termo 'transdisciplinaridade'. Inaugura-se um período de articulações, na busca de novos caminhos para abordar e resolver temas complexos.

44 | Ao longo do tempo, têm sido elaboradas diversas conceituações para explicar características e funções dos termos que reorganizaram as compreensões sobre a disciplinaridade. Conforme Arlindo Philippi Junior e Antonio Silva Neto (2011, p. 49), houve, no seminário de 1972, a apresentação de uma classificação, compilada por Guy Michaud e, posteriormente, retrabalhada por Clark C. Abt, a quem coube a versão final. Eles estabelecem as seguintes denominações: disciplina (conjunto específico de conhecimentos), multidisciplina (justaposição de disciplinas diversas), pluridisciplina (justaposição de disciplinas próximas), interdisciplina (interação entre uma ou mais disciplinas), transdisciplina (axiomática comum em um conjunto de disciplinas).

Ao relacionar as possibilidades de acesso e de elaboração do conhecimento, Santos afirma que a nova racionalidade científica, caracterizando um modelo global, é também um modelo autoritário. Identifica este perfil na medida em que ela "nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautam pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas." (SANTOS, 2008, p. 21).

As universidades modernas foram determinantes para a instituição, no século XIX, da organização disciplinar e depois para o seu desenvolvimento, no século XX, com o impulso dado à pesquisa científica. Morin observa que "isto significa que as disciplinas têm história; nascimento, institucionalização,

evolução, esgotamento, etc.; essa história está inscrita na da universidade, que, por sua vez, está inscrita na história da sociedade.” (2002, p. 195).

Pela compreensão de Clarissa Corrêa Fortes, as proposições disciplinares e interdisciplinares não são excludentes. A pesquisadora defende ações no sentido de torná-las comunicativas entre si e de concebê-las como processos históricos e culturais, atualizadas e propícias às práticas do processo ensino-aprendizagem (FORTES, 2012, p. 4). Por sua vez, Basarab Nicolescu, referindo-se à amplitude do movimento interdisciplinar afirma que “não somente o espaço entre as disciplinas está cheio, mas, igualmente, o que está além delas está cheio, a exemplo do vazio quântico que está cheio de todas as potencialidades.” (1999, p. 51-52).

O Jornalismo se constituiu a partir de outras disciplinas, em relações interdisciplinares, seguindo processos tradicionais de configuração de um espaço de conhecimento novo. Afirma-se como um campo de conhecimento, portanto uma disciplina, conceituação que nos leva a pensar a respeito. Compreende-se que o disciplinar, no isolamento, com níveis de especialização que remetem apenas a si, esgotando-se na própria razão, representa a morte do sentido e do propósito da especialização. A disciplina pode ter fim, se não mais emanarem, da realidade social, razões para sua existência.

O desafio do ato interdisciplinar é que cada disciplina envolvida faça um ingresso vertical em si, estabelecendo relação com os fundamentos de outras disciplinas, num movimento que se desprende da superficialidade. Os fatores que justificam a existência e a permanência de uma disciplina se expressam em dois aspectos principais. Um é o adensamento de fragmentos, antes dispersos, em torno de um núcleo de conhecimentos. O outro é a demanda da sociedade na busca de atender suas necessidades e perspectivas, a partir dos conhecimentos de determinada disciplina.

A massa universal de conhecimentos constitui uma totalidade. Em estado puro, o conhecimento não é recortado por áreas, campos ou núcleos, e não se submete às fronteiras traçadas pela ciência. A massa universal de conhecimentos poderia ser comparada ao planeta Terra, cujos sistemas naturais funcionam independentes dos limites geográficos e políticos definidos pelo homem.

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

A validade de uma disciplina não se esgota por estabelecer novas relações interdisciplinares, receio de membros de determinadas comunidades de conhecimento, desde de que suas buscas e respostas continuem a atender demandas das sociedades. A permanência de uma disciplina se encontra assegurada enquanto ela se mostrar imprescindível, caso contrário teria o mesmo fim das estrelas, cuja luz esmaece até se apagar.

As disciplinas são, portanto, um construto, marcadas pela transitoriedade. O tempo desta transitoriedade não está dado e fica condicionado à intensidade de seu valor de uso para a sociedade e para a ciência. Como fragmento de uma totalidade, a disciplina tende naturalmente ao interdisciplinar, razão, inclusive, de sua própria existência, e se movimenta no sentido da transdisciplinaridade, ou seja, a um retorno conceitual à totalidade.

A totalidade não é imutável, sendo passível de transformações pela intervenção, consciente ou não, dos atos disciplinares e interdisciplinares. A própria transdisciplinaridade, portanto, é transitória, porém incomparavelmente mais permanente que a disciplinaridade. Vê-se que a transdisciplinaridade e a disciplinaridade trazem em si um determinado grau de estabilidade, enquanto que a interdisciplinaridade se caracteriza fundamentalmente pelo movimento.

Mas a interdisciplinaridade é confundida, de modo frequente, com a multidisciplinaridade, dimensão em que a intensidade do movimento assume proporções muito menores. A multidisciplinaridade provoca contato de conhecimentos disciplinares, observando o mesmo objeto de pontos de vista diferentes, no entanto não configura exatamente a interação (transversal) dos conhecimentos das disciplinas envolvidas.

Os riscos de uma disciplinaridade, que se proponha fortemente estática, é o de inviabilizar o movimento interdisciplinar e interditar o transdisciplinar, representado pela massa universal de conhecimentos. A massa universal de conhecimentos, recortada artificialmente pelas disciplinas e tensionadas pelos movimentos interdisciplinares, sofre transformações. A totalidade não é estática. Expande-se na medida em que sofre a ação conceitual das disciplinas e do movimento interdisciplinar.

A expressão do dinamismo da massa universal de conhecimentos é perceptível no conhecimento resultante da interdisciplinaridade. A partir deste

novo conhecimento, abre-se perspectivas desconhecidas anteriormente, situação que demonstra que a massa universal foi levada a se revelar em outras dimensões. Esta revelação da massa universal pode ser simplesmente o desvelamento, aos olhos humanos e da ciência, daquilo que a totalidade já havia produzido. Por outro lado, a revelação mencionada, pode ser a auto-revelação de uma totalidade em movimento. E, numa terceira perspectiva, a revelação poderia ser compreendida como uma resposta da massa universal aos tensionamentos impostos pelas disciplinas e pelos movimentos interdisciplinares, em combinações imprevistas na sua dinâmica natural.

O problema, limitador da clareza da revelação, é que a massa universal de conhecimentos, ou seja, a totalidade, é sempre desconhecida em sua plenitude. A totalidade diz respeito, portanto, ao conhecimento natural, revelado ou não pela ciência, e ao conhecimento cultural, construção humana, que for capaz, consciente ou inconscientemente, de levar a totalidade a repropor-se em novos arranjos.

O ato interdisciplinar gera conhecimentos novos, em movimentos que apontam para a formação de novas disciplinas, porém não significa, automaticamente, o enfraquecimento das disciplinas envolvidas. Pelo contrário, pode representar um processo dinamizador e renovador destas disciplinas geradoras dos respectivos conhecimentos. A ação interdisciplinar, remetendo ao transdisciplinar, não representa obrigatoriamente a negação da disciplina.

O movimento interdisciplinar fecundo ocorre quando as disciplinas envolvidas verticalizam suas trocas, oferecendo à outra o resultado de um ingresso profundo na sua autocompreensão. As trocas superficiais induzem a equívocos mútuos, por se sustentarem, com frequência, em auto-incompreensões. O movimento interdisciplinar, neste caso, é superficial, sem a condição de liberar o potencial transformador de cada disciplina, como se não tivesse alcançado um necessário ponto de fusão de conhecimentos.

A disciplina, isolada em si, estática, em rejeição ao movimento interdisciplinar, pode provocar o seu esgotamento prematuro. Ao não se revitalizar no interdisciplinar, deixa de perceber as modificações do contexto e as novas demandas sociais que justificariam a permanência de sua presença/ação. Seria um esgotamento decorrente de sua autoincompreensão.

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

O interdisciplinar não remete à mera justaposição de disciplinas, mas à interação que permite, simultaneamente, conservar e superar o estágio do conhecimento disciplinar. Trata-se de um processo que permite alcançar novos resultados e modifica a natureza e a função das disciplinas tradicionais. Não se refere mais aos resultados que poderiam ser obtidos por uma disciplina originária isoladamente e sim ao alcance que esta passa a ter na combinação com outras, na resolução de problemas para os quais não havia antes uma adequada resposta.

A disciplina original, porém, não desaparece porque se conservam os preceitos que a constituem e que lhe possibilitaram, na interação, dar as novas respostas solicitadas pela sociedade. Esta base assegura legitimidade e força à disciplina para novas interações. O cumprimento da tarefa exigirá que as disciplinas envolvidas cheguem ao ponto de se recriarem conceitual e teoricamente e não fazer apenas uma simples deslocação de conceitos ou de empréstimos teóricos e metodológicos. A função da interdisciplinaridade é estender uma ponte entre o momento identificador de cada unidade básica de conhecimento (disciplina) e o necessário corte em que ela se diferencia, pela interação, na expressão qualificada e complexa da resposta.

48 |

A complexidade é um conceito que procura expressar as múltiplas faces da realidade. A realidade não é mais percebida como um objeto inerte, mas como processo, devir, doação, construção. Por isso, o princípio da complexidade remete às inter-relações entre as partes e o todo, a continuidade e a descontinuidade. (PAVIANI, 2008, p. 47).

Propiciaria emergir também as experiências culturais sem visibilidade, aquelas que normalmente compõem o arsenal das relações primárias e identificadoras de grupos sociais. Constituir-se-ia em processo de transformação complexo e contraditório, num constante jogo de forças em que o fragmentário tende a dissipar a tradição, afetando a memória e os modos peculiares pelos quais os conhecimentos foram constituídos, enquanto os sistemas estabelecidos procuram anular o poder desestabilizador das novidades.

A percepção do potencial transformador das culturas sem visibilidade de uma região, por exemplo, não poderia se limitar a preservar a memória, mas a

recuperá-la na capacidade de desestabilizar os conhecimentos postos, com o objetivo de participar das definições sobre o agora e o futuro. Estamos nos referindo a uma interdisciplinaridade que não se limite a um conjunto de relações entre as partes e o todo, mas que seja uma descoberta singular que não se reduz nem ao todo nem às partes isoladas, ou seja, é somente a interação do todo e das partes que propicia a originalidade inovadora das respostas.

Como a interdisciplinaridade autêntica não é reduzível a denominador comum e se orienta pelo princípio da diversidade e da criatividade, o projeto pedagógico de um curso de Jornalismo, por exemplo, vê-se desafiado a construir problemáticas que requeiram investigação conjunta de saberes, na fecundação recíproca das disciplinas, como caminho para enfrentar os problemas decorrentes da fragmentação social. O paradigma disciplinar da produção do conhecimento não é o suficiente para responder aos problemas complexos e são necessárias outras abordagens para dar conta da realidade complexa e híbrida, exigência das condições contemporâneas.

A expectativa é de que os profissionais egressos sejam capazes de realizar diagnósticos, elaborar metodologias e analisar as questões socioculturais, políticas e econômicas que interferem no âmbito das práticas do desenvolvimento e do planejamento social, regional, ambiental e educacional de determinada realidade social. A pretensão se harmoniza com o pensamento de Gaudêncio Frigotto, pelo qual a interdisciplinaridade é uma realidade e um problema relacionado à realidade concreta, histórica e cultural, constituindo-se assim como um problema ético-político, econômico, cultural e epistemológico.

A interdisciplinaridade se apresenta como problema pelos limites do sujeito que busca construir o conhecimento de uma determinada realidade e, de outro lado, pela complexidade desta realidade e seu caráter histórico. Todavia esta dificuldade é potencializada pela forma específica que os homens produzem a vida de forma cindida, alienada, no interior da sociedade de classes. (FRIGOTTO, 1995, p. 31).

Paulo Freire (1976, p. 32) afirma que “realidade não é só dado objetivo, o fato concreto, senão, também, a percepção que o homem tem dela.” Sintonizado com a ‘Dialética do Concreto’, de Karel Kosik, conforme assinala

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

Moacir Gadotti, Freire entende que realidade não é a junção de partes simples de um todo, nem o conjunto de todos os fatos:

Os fenômenos sociais estão vinculados a uma realidade macrosocial que imprime neles sua marca histórica e os seus significados culturais. Captá-los, criticamente, supõe desvelar seu fundamento, origem, tendências e contradições, descobrindo ainda o lugar que cada um ocupa na totalidade do próprio real. Ler a realidade significa compreender os fatos como partes estruturais de um todo dialético. (GADOTTI, 2008, p. 350-351).

50 | Não podemos esquecer que a ciência moderna separou as áreas de conhecimentos, numa espécie de compartimentos, para melhor destrinchá-las, como se para dissecar um corpo, o que possibilitou uma organização detalhada e eficiente, mas também uma exacerbação do grau de especialização das disciplinas em blocos de exatas, humanas e biológicas, destituindo o conhecimento de suas heranças culturais. "Obviamente este processo obteve um grande sucesso para a sociedade porque confirmava a ordem e o progresso científico que despontava como única saída possível para a sobrevivência humana." (SOUZA, 2008, p. 176).

Pela ótica interdisciplinar, as culturas se encontram em permanente estado de mutação e mobilidade, por isso somente podem ser entendidas e avaliadas sob critérios dialéticos. "O processo cultural consubstancia-se na sua própria trajetória e tem como objeto de análise a contínua transformação de algo dinâmico, que se constitui no diálogo permanente entre continuidade e ruptura, inovação e tradição." (LIMA, 1999, p. 27 apud LIMA, 2008, p. 186). Para Sônia Lima, o conhecimento verdadeiro não menospreza a sua história, sua cultura, as tradições. "Qualquer sistema de ensino que não disponha desses parâmetros de análise será superficial, por falta de base filosófico-pedagógicas." (LIMA, 2008, p. 197).

Os estudos interdisciplinares, iniciados na Europa nos anos 1960 e tornados um movimento mundial a partir dos anos 1970, ganharam expressão também no Brasil. Em 1999, ganhou espaço quando a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou a Área Multidisciplinar e mais impulso quando esta passou a ser designada de Área Interdisciplinar em

2008, período a partir do qual a respectiva área obteve maior índice de crescimento, na comparação com as demais.

Neste contexto, a interdisciplinaridade se caracteriza como espaço privilegiado, em virtude de sua própria natureza transversal indicada em seu prefixo, por avançar além das fronteiras disciplinares, articulando, transpondo e gerando conceitos, teorias e métodos, ultrapassando os limites do conhecimento disciplinar e dele se distinguindo, por estabelecer pontes entre diferentes níveis de realidade, lógicas e formas de produção do conhecimento. Assim, torna-se fundamental o diálogo da Área Interdisciplinar com as demais Áreas, bem como no próprio interior da Área Interdisciplinar. (CAPES, 2013, p. 12-13).

Conforme a CAPES, a interdisciplinaridade desempenha um papel estratégico, em abertura para a complexidade, por estabelecer a relação entre saberes, propor o diálogo entre o teórico e o prático, o filosófico e o científico, a ciência e a arte.

3 DISCURSO JORNALÍSTICO E O MOVIMENTO INTERDISCIPLINAR

51

O Jornalismo não se justifica fundamentalmente pelas transformações das tecnologias da informação, embora delas receba impactos pelas alterações do contexto social. Aparatos, estilos de linguagem, por exemplo, não são, para o Jornalismo, uma razão em si. O Jornalismo pode ser realizado em diferentes suportes midiáticos e estilos linguísticos.

O interdisciplinar jornalístico será percebido se, antes, houver um ingresso profundo no seu caráter disciplinar, fazendo um mergulho para dentro de si, a fim de compreender melhor as razões que o justificam como disciplina, processo que, entendemos, irá encaminhá-lo para observar as relações interdisciplinares que lhe deram origem e que podem lhe orientar sobre o futuro. Faz-se necessário desencadear esse movimento interdisciplinar.

Seria interessante, então, revisitar alguns de seus pressupostos. A pretensão de absolutizar determinadas conceituações gera incoerências e impasses no campo do Jornalismo. Assinalamos, neste sentido, a título de exemplificação, os significados de independência, imparcialidade e

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

neutralidade. Eles precisariam ser desabsolutizados, sem deixar de manter determinada centralidade, o que os difere do mero relativismo.

Assim, o significado de independência não poderia levar à afirmação de que o Jornalismo não depende de nenhum outro agente para cumprir o seu papel, basta observar o conjunto de necessidades a serem atendidas, sejam elas no plano profissional, intelectual, instrumental, tecnológico, financeiro, político, cultural, geográfico, etc. O jornalismo estabelece relações de interdependências, normais no seu processo complexo de elaboração. O limitador, na verdade, é a concentração de dependência em um ou outro agente.

A neutralidade, entre os conceitos relacionados ao Jornalismo, compreendemos ser o menos sustentável, porque iria requerer uma posição a-histórica dos agentes participantes do processo jornalístico. Todos os participantes estão marcados por sua historicidade e falam socialmente de determinado lugar. O próprio Jornalismo, em seu conjunto, assume um lugar, definido pelos preceitos e sentidos do seu discurso. As narrativas jornalísticas, neste viés, se mostram compromissadas com os ideais de justiça, dos direitos individuais e coletivos, de consciência social e política, de democracia, além de outros orientadores. As linhas editoriais dos meios de comunicação, no exercício do direito de fala a partir do seu lugar histórico, não devem deixar de reconhecer que se encontram condicionadas aos limites preceituais do seu discurso, ou seja, jornalismo é jornalismo.

A imparcialidade não se explica exatamente porque a narrativa jornalística não se posicionaria contra ou a favor de alguma das partes envolvidas nos acontecimentos publicados. Decorre de uma situação em que dispõe do direito legítimo de narrar a partir do seu ponto de vista, correspondente à sua linha editorial, isto é, de uma perspectiva. A imparcialidade viria do reconhecimento de que, sobre os mesmos acontecimentos, recaem olhares diferenciados, caracterizando outras perspectivas. A imparcialidade, então, não seria o de assumir a compreensão e o interesse de uma das partes, mas o de se movimentar em direção aos fatos, orientado por sua perspectiva, tendo o discernimento da presença de outras perspectivas sociais, caracterizadoras de outras partes constituídas. A narrativa

jornalística seria imparcial não porque escapa do domínio de uma das partes e sim porque reconhece e se relaciona com todas as partes percebidas.

O problema da absolutização impacta os sentidos de objetividade e de subjetividade. Possibilita o equívoco de pretender destituir a subjetividade de suas respectivas objetividades, como também destituir a objetividade de suas respectivas subjetividades. Tais pretensões teriam o poder de retirar sentidos do sonho ou de retirar sentidos da realidade. A superação, ao menos o enfrentamento do jornalismo sobre os efeitos da absolutização, não se constitui somente num ato de consciência ou de vontade. Passa também pelo cenário objetivo das condições existentes.

Em contraponto às conceituações e argumentos em favor dos pressupostos históricos do Jornalismo, constantes ao longo deste texto, alinhamos aqui o entendimento de Wilson Gomes, na condição de um arguto questionador da adequação do discurso do campo.

Como se ainda estivessemos dois dias antes das revoluções burguesas, o jornalismo continua falando de opinião pública, liberdade de imprensa e de interesse público praticamente no mesmo sentido em que essas categorias eram usadas há 20 anos. Parecem vozes de outro tempo e de outro jornalismo: o elogio da opinião pública, a afirmação do jornalismo como a única mediação confiável entre a esfera civil e o Estado, a função do jornalismo adversário da esfera governamental, tudo isso se mantém no imaginário e no discurso por uma estranha e inquietante inércia discursiva. (GOMES, 2009, p. 76).

Um dos fatores atuais que mais gera debate sobre o futuro do Jornalismo são as novas tecnologias da informação, demarcando controvérsias em torno da profissão, do seu campo de conhecimento, como também do perfil da própria sociedade em construção. Na visão cética de Marie-France Bouilly, a internet é uma utopia e o homem nunca foi tão sozinho. Sua tese é de que não estamos na era da comunicação, mas na da intoxicação da comunicação, da desinformação total. Por isso “os homens se separam cada vez mais, se fecham. [...] Desligamos do mundo real. Vivemos em um mundo virtual.” (BOUILLY, 2005, p. 9).

Na sua edição de número 447, publicada em junho de 2014, a revista *IHU On-line* promoveu um debate que consideramos pertinente às discussões do

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

presente artigo, na forma de um conjunto de entrevistas, sobre a temática *Jornalismo pós-industrial: caminhos para um pós-jornalismo*.

Em entrevista para Andriolli Costa, o professor espanhol Ramón Salaverría, da Universidad de Navarra, assinalou a mudança dos processos de apropriação da informação na sociedade contemporânea. Avalia que, neste novo ambiente, o grande desafio dos meios tradicionais é manter o prestígio de principal fonte informativa, ao mesmo tempo em que se adapta às novas características dos consumidores de informação na internet. Traçando um paralelo, observa que a notícia tradicional, de meios impressos, é baseada na lógica da pirâmide invertida, “mas no âmbito da internet o relato noticioso se multiplica [...] por meio da hipertextualidade, da multimidiaticidade - isto é, a possibilidade de combinar elementos textuais, gráficos e sonoros; e da interatividade.” (COSTA, 2014a, p. 12-13).

Na mesma edição, também em entrevista para Andriolli Costa, Ronaldo Hehn defende uma postura clara do Jornalismo ao lidar com a nova cultura tecnológica, no sentido de não ser meramente oportunista, pela conveniência, na perspectiva de fidelizar seus públicos, mas que deve incorporar nas suas dinâmicas essas transformações de forma mais radical, assumindo suas precariedades e vulnerabilidades. Ele compreende que o jornalismo precisa abordar o campo do sensível, porque “saber narrar o outro, com toda a complexidade que isso comporta, é, para mim, um dos principais desafios do jornalismo.” (COSTA, 2014b, p. 17). Enquanto Antonio Brasil, em entrevista para Andriolli Costa, assinala que “nem toda a inovação se resume à tecnologia, e a contemporaneidade exige não apenas estar aberto a novas tecnologias, mas às novas ideias e narrativas.” (COSTA, 2014c, p. 20).

Os estudos a respeito das temáticas que envolvem o contexto comunicacional do momento, além da formação de profissionais aptos se movimentarem neste ambiente, trazem à cena uma das suas questões mais importantes, o ensino de jornalismo. As Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Jornalismo, implantadas em 2013, se empenham em responder às necessidades de formar profissionais sintonizados com os novos processos tecnológicos, sem deixar, porém, de enfatizar os valores tradicionais do jornalismo e a necessidade de que se oriente por uma visão humanística.

Avaliamos que a característica mais forte de uma matriz curricular, nestes termos, deva ser a interdisciplinaridade, uma vez que é somente pela relação intensa das disciplinas ao longo do percurso que se torna possível alcançar os objetivos fundamentais do curso. Pressupõe que disciplinas teóricas e práticas, sejam as do campo específico ou do campo geral, entrecruzem seus saberes para gerarem um produto em comum. A notícia e a reportagem necessitam visceralmente de uma percepção aguda da realidade social e da operacionalização técnica dos elementos informativos percebidos para realizar a narrativa jornalística, embasada na compreensão de que ela contribui para a sociabilidade humana.

4 JORNALISMO SOCIOLÓGICO NO CENTRO DO DISCURSO

Como contribuição para se pensar o campo do Jornalismo, estabelecemos algumas classificações conceituais. Por ver necessidade de o Jornalismo aguçar sua capacidade de observar a realidade social e fazer narrativas pertinentes, propomos a denominação, quanto à vertente orientadora, de 'Jornalismo sociológico', com o intuito de demarcar aquilo que compreendemos ser o centro da formação jornalística. As demais competências específicas são importantes, no entanto somente se justificam mediante o conhecimento que podem proporcionar dos temas relevantes da sociedade. O caráter sociológico é fundamental e não complementar na formação jornalística. A conceituação se alinha à compreensão de que o Jornalismo se constitui em um modo de conhecimento do mundo.

Diante do ambiente de crise do campo, com indefinições sobre o papel e tendências do jornalismo, conforme assinalamos no decorrer do texto, consideramos oportuno organizar uma classificação quanto ao alcance da atuação e à concentração dos princípios jornalísticos, assim especificadas: a) 'jornalismo pleno'; b) 'jornalismo dimensionado'; c) 'pseudojornalismo'.

Na primeira acepção, 'jornalismo pleno' é aquele no qual se cumprem todos os fundamentos do jornalismo, conforme estabelecido no seu discurso tradicional, desenvolvido nas redações compromissadas em revelar a diversidade social. Na segunda acepção, o 'jornalismo dimensionado' se

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

caracteriza pelo cumprimento significativo dos fundamentos do jornalismo, deixando, entretanto, de aplicar na íntegra o propósito da isenção, porque se encontra comprometido em preservar e valorizar a imagem de determinado segmento social. Encaixam-se, neste caso, os serviços de assessoria de imprensa ou assessoria de comunicação. Mesmo com restrições, o 'jornalismo dimensionado' contribui para o estabelecimento de padrões de comunicação mais adequados à sociedade, por seu grau de profissionalismo, ao prezar pela ética e pela competência técnica, além de revelar posicionamento legítimos de determinados segmentos sociais.

Já na terceira acepção, 'pseudojornalismo' significa que as coberturas e suas respectivas narrativas não correspondem aos fins jornalísticos, particularmente em termos de conteúdo, embora mantenham a aparência ao se expressarem em formato claramente noticioso. O 'pseudojornalismo' tem sido praticado pelos grandes meios de comunicação e pode ser considerado o responsável principal pela crise de identidade que o campo atravessa.

56 |

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste espaço destinado a posicionamentos decorrentes de informações e argumentos expostos ao longo do texto, retoma-se, no atual ponto do percurso, a tese da 'Dialética do concreto', de Karel Kosik, mencionada na Introdução. Consideramos que a lógica da teoria nos permite discutir as questões pertinentes ao momento de incertezas vividas pelo jornalismo contemporâneo, ao qual atribuímos a classificação de crise. Optamos por desenvolver este segmento de modo um pouco mais extenso, a fim de se estabelecer relações diretas entre os posicionamentos e as respectivas informações/argumentos que lhes sustentam.

Faz-se necessário observar que a relação com o referido conceito, dos campos filosófico e sociológico, se realiza com os cuidados de redimensionamento à realidade social tratada. O campo do Jornalismo não caracteriza uma disciplina no espectro amplo do conhecimento, sequer a área da comunicação alcançou este status. No entanto, o sentido disciplinar pode ser adequado a contextos de menores proporções, desde de que visto na relação

que estabelece com a sua área (disciplinas aproximadas) e com a totalidade social do conhecimento.

A condição em que o jornalismo se encontra hoje somente pode ser designada como crise, se observado o interior do campo e seus vínculos com a área da comunicação e com a totalidade do conhecimento por nós perceptível. Ao observarmos a identidade que o jornalismo foi construindo em seu processo histórico, apesar das contradições, naturais em um campo altamente dinâmico, vemos fundados motivos para interrogações a respeito da validade de sua reafirmação. As dimensões assumidas pela área da comunicação no engendramento das relações sociais, nos seus níveis micro e macro, são visíveis, a ponto de se tornar quase consensual que nos situamos em tempos de 'sociedade da informação' (não confundir com 'sociedade da comunicação', termo que sugere outras implicações).

Mesmo em olhar rápido, percebe-se um distanciamento entre o discurso que sustenta o Jornalismo e o papel predominante que este vem ocupando nas sociedades, particularmente na sociedade brasileira, razão principal de nossas preocupações. A estrutura do setor midiático, considerando-se as novas tecnologias adotadas, os vínculos estreitos com os poderes instituídos e as políticas públicas que regulamentam o setor, explicita quadro de flagrante desequilíbrio, no qual o Jornalismo encontra ambiente inóspito para cumprir os seus princípios.

O detalhamento deste quadro de desequilíbrio escapa aos propósitos do presente texto, mas, tê-lo como pressuposto, é altamente relevante no percurso de nossa análise. Pois, em consequência dessa percepção, identificamos um conjunto de aspectos que configuram o cenário. As maiores empresas, com abrangência nacional, se tornaram verdadeiros conglomerados midiáticos, ao deterem a propriedade, simultânea, de emissoras de televisão e de rádio, jornais, revistas, portais na internet, produtoras de vídeos e até, na prática, de agência de notícias, por disseminarem informações reproduzidas por número grande de meios de comunicação menores.

Verificamos, em situação bem diversa, as mídias que tentam exercer um papel alternativo. São sabidas as elevadas restrições à comunicação comunitária e a impossibilidade de que grupos organizados e não hegemônicos da

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

sociedade civil venham obter concessões de emissoras de rádio e televisão de caráter privado. A experiência de comunicação pública da *Empresa Brasil de Comunicação* (EBC) vem sofrendo ultimamente um processo de desintegração. Por outro lado, o setor de impressos é muito caro para ser mantido em grande escala.

O controle dos meios de comunicação demarca certa visão de comunicação, por consequência de jornalismo, a partir de determinadas leituras da realidade social. Mas este não é exatamente o problema mais preocupante. O problema maior se encontra na ausência de outras perspectivas. Estas são observações mínimas para se reportar ao contexto macro da comunicação.

Em termos específicos do jornalismo, são fatores a serem considerados a independência dos meios, a relação empresa-empregados, as condições de trabalho do jornalista e a formação destes para o exercício da profissão; a aceitação que o público tem do trabalho jornalístico; o grau de organização da categoria dos jornalistas para alcançar reconhecimento e valor profissional; a qualidade da formação que os cursos de jornalismo estão sendo capazes de oferecer aos seus egressos.

Entre as dimensões micro e macro do jornalismo transitam uma série de questões, pelas quais é preciso atravessar para se perceber o papel que o jornalismo desempenha ou deveria desempenhar. Constituem elementos objetivos desta realidade. Podemos citar, entre elas, as implicações relativas: à opinião pública pelo agendamento; ao jogo simbólico no mundo das imagens; à informação/interpretação, procurando orientar razões ou provocar emoções; às estratégias comunicacionais de organizações, grupos, movimentos e até de indivíduos; à guerra de informações que afetam a ordem mundial; ao mercado dos negócios comunicacionais; ao jogo do poder político.

Vemos, portanto, que as questões específicas do jornalismo se entrecruzam com aquelas que dizem respeito à área de comunicação e são remetidas à totalidade social, em movimentos recíprocos de interação, propiciando, no contexto, reflexos de elevadas proporções.

O propósito de compreender o estado de tensão gerado pela cobertura jornalística dos grandes meios de comunicação, associada às mudanças do comportamento social pelas novas tecnologias da informação, nos leva a

concluir que o campo disciplinar do Jornalismo atravessa uma crise de identidade. A falta de credibilidade e de legitimidade das instituições/organizações para mediar e representar os interesses do conjunto da sociedade aprofunda as incertezas, inclusive, da aplicabilidade dos valores democráticos. Cria-se a nítida impressão de que a intensidade das práticas das grandes mídias, ao se afastar dos critérios de isenção em suas coberturas de momentos cruciais, inviabiliza a afirmação do discurso tradicional do Jornalismo.

É pertinente perguntar, no entanto, afinal o que realmente se encontra em crise. São os fundamentos do campo que não se sustentam mais, superados pelo tempo e pelas transformações sociais? Perderam eles a capacidade de exercer um papel decisivo em favor da sociabilidade? Convém lembrar que o jornalismo, conceitualmente, se propõe a revelar os acontecimentos relevantes, fomentando as consciências e as liberdades individuais, bem como a participação na vida comunitária, numa orientação à opinião pública, comprometidos com os princípios da democracia e da justiça social.

Em nossa compreensão, as razões fundamentais dos questionamentos a respeito da validade do discurso jornalístico nos dias de hoje, com pertinência, se prendem a três aspectos: modelo de negócios, relações com o poder e novas tecnologias da informação. A postura dos meios de comunicação para enfrentar as barreiras surgidas nestes espaços contraria normalmente os princípios jornalísticos aplicados com rigor.

No caso do modelo de negócios, as empresas jornalísticas tradicionais sentiram o impacto das transformações provocadas pelas novas tecnologias, cujo ambiente comunicacional tornou insuficiente e até ineficiente o seu sistema de arrecadação de recursos financeiros via publicidade. Os mais afetados são os meios impressos (jornais e revistas), no entanto os entraves orçamentários atingem também os eletrônicos (televisões e rádios), porque houve mudanças nos hábitos do público consumir notícia. As consequências são reduções no tamanho e alteração no perfil das redações. O número de jornalistas contratados decaiu, especialmente entre os profissionais mais experientes e de maiores salários. Com estrutura menor, os meios tradicionais,

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

de modo geral, não conseguem manter a qualidade das reportagens, porque isto requer pessoal, equipamentos e tempo.

As relações das grandes mídias com o poder institucional são causas das dificuldades mais intrincadas. Por necessidades financeiras, os meios de comunicação dependem em boa medida dos recursos provindos da publicidade oficial, o que lhes encaminha seguidamente para coberturas sistemáticas contra ou a favor de governos, na expectativa de retribuir recursos recebidos ou de pressionar para obtê-los.

A concepção ideológica dos donos das mídias, até por motivações históricas de classe social, demarca a linha do seu trabalho, normalmente conservadora, avessa a transformações profundas no sentido de distribuição de riquezas e de direitos na sociedade. Em períodos de instituições fragilizadas diante da opinião pública, meios de comunicação de grande porte sentem-se atraídos pela possibilidade de ocupar o vácuo de poder, enviesando o caráter do serviço que deveria prestar. Nestas circunstâncias, os departamentos de jornalismo encontram obstáculos para desenvolver uma cobertura crítica, sustentadas na apuração dos fatos, isto quando não seguem as recomendações de bom grado.

60 |

As novas tecnologias da informação ocupam lugar central e em torno delas giram os demais fatores que definem os rumos do jornalismo, incluindo as questões relativas aos modelos de negócio e ao poder político. Em ritmo rápido, vem se alterando os formatos, as linguagens, as dinâmicas, os métodos e o próprio discurso do jornalismo. Interpretações frequentes no circuito das mídias e mesmo na academia levam à conclusão de que o processo jornalístico tradicional se encontra inteiramente superado, incluindo seus critérios/percursos de produção das notícias. A lógica das convergências das mídias, assim, se afasta rapidamente dos meios antigos, apesar da presença forte deles ainda no contexto midiático, e assume os contornos das mídias digitais nativas.

Os problemas identificados nos três segmentos mencionados acima afetam significativamente as práticas do Jornalismo e passam a ideia de que desmontam também sua concepção, quadro de ruptura de valores passível de ser classificado como crise. Mas devemos indagar se o novo ambiente,

conforme descrito, extinguiu o papel da mediação jornalística; se retirou do Jornalismo a obrigação de ter a realidade social como objeto; se o compromisso com o interesse público foi sepultado; se o princípio da imparcialidade (não neutralidade), não faz sentido; se a orientação à sociedade para o debate de temas relevantes, a partir da visibilidade propiciada, não incentiva a postura política e cidadã.... Enfim, diversas interrogações nesta linha poderiam ser relacionadas.

Ao mesmo tempo em que tensionam e fustigam o discurso jornalístico, as novas tecnologias da informação representam a principal possibilidade de que ele venha a se reafirmar, ao permitir um conjunto variado de iniciativas e de experiências comunicacionais, tanto em termos de formatos e conteúdos, como de atores sociais e linhas editoriais. Isto inclusive para aqueles que compreendem que os princípios jornalísticos se mantêm válidos e que podem se expressar em outras roupagens. Não se pode esquecer, por exemplo, que o Jornalismo, mesmo no compromisso de perceber as diferentes parcialidades de um acontecimento, não é neutro, assume uma posição, seguindo a sua grande linha editorial, correspondente ao seu discurso.

O Jornalismo deve reconhecer sua insuficiência para dizer tudo sobre como a sociedade se organiza e vive, bem como a existência de um ambiente midiático em que os indivíduos, grupos e organizações dizem muito mais sobre si do que no passado. A situação não decreta o fim da mediação jornalística, porém solicita qualificação bem maior do seu processo, na medida em que o epicentro da notícia com real valor subsume, muitas vezes, nesse emaranhado de informações.

As novas tecnologias reforçam, em princípio, as estruturas comunicacionais dominantes, no entanto também desestabilizam o quadro firmado de desigualdades, abrindo brechas para novas possibilidades. As brechas, como o nome sugere, não ocupam lugar central. Estão na periferia e se movem nas franjas da realidade comunicacional. O Jornalismo, comprometido com seu discurso, tem cumprido historicamente papel relevante para o aperfeiçoamento das relações sociais em diferentes recantos do mundo, tendo gerado uma cultura capaz de resistir ao tempo.

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

Aqueles que, em razão das novas tecnologias, talvez ainda por deslumbramento, afirmam que o Jornalismo não tem mais lugar, poderíamos denominar de 'apocalípticos e ingratos'. Apocalípticos por decretarem o fim dos tempos jornalísticos e ingratos por não reconhecerem que qualquer experiência informativa de porte, nas mídias digitais, necessita tomar por base a cultura jornalística historicamente construída.

Ao observarmos o conceito, vemos que o Jornalismo teria muito a realizar nos tempos atuais, pela necessidade de mediadores confiáveis para se compreender melhor fatos e movimentos que organizam a sociedade. A velocidade e a quantidade de informações em circulação, somadas às informações que também poderiam circular, dizem pouco efetivamente dos acontecimentos e talvez nem os expliquem.

A sociedade se tornou um jogo de espelhos em que muitos produzem a sua própria imagem, pelas mídias convencionais ou por outras mídias, o que impacta nas características da visibilidade apresentada. Paradoxalmente, ocorre uma invisibilidade, se consideradas as distorções das imagens ou o quanto elas escondem. O jornalismo se faria necessário, a fim de contribuir para tornar visível elementos fundamentais que a profusão de imagens tornou invisível.

A tarefa requer do jornalismo ultrapassar a superficialidade e não se submeter ao formulismo de técnicas e formatos, embora estes sejam componentes de um processo de investigação. Também solicita a postura de elaborar uma representação dos fatos da sociedade e não a de fazer a construção da sociedade por um determinado relato dos fatos. Por enviesar tais procedimentos, os grandes meios de comunicação vêm assumindo no Brasil o papel de partido, tendo o jornalismo como principal instrumento de suas intervenções políticas. Uma orientação ética, no compromisso de cumprimento de seus princípios, é outro fator decisivo para a plena realização jornalística.

Para superar seus impasses atuais, o Jornalismo moderno dispõe de um orientador importante que é o reconhecimento da realidade como seu objeto, a determinar os seus sentidos de objetividade e subjetividade. A busca da verdade, caracterizando um movimento de máxima aproximação possível e não exatamente o alcance de um valor absoluto, colabora para uma revelação verossímil da realidade.

O jornalista disposto a cumprir seu papel deve surfar contra as ondas, não submergindo nas águas do senso comum. Ao mesmo tempo, não ignorar o senso comum, pois seria ignorar a própria realidade, mas, a partir dessas compreensões disseminadas, qualificar o senso comum, colaborando para levar a sociedade a estágios mais elevados de conhecimento. Precisa ser capaz de encontrar o epicentro dos acontecimentos, ultrapassando os sinais visíveis, mesmo que os tomando como ponto de partida para chegar à singularidade geradora de cada fato, em que o jornalista desenvolve um processo intelectual de mediação.

Vemos que a concepção que sustenta o discurso teria elementos para reafirmar a validade do Jornalismo na chamada sociedade da informação, no entanto, considera-se indispensável estabelecer uma diferença entre a concepção e as condições existentes para que ela se viabilize na prática. A redução da distância entre a concepção e as condições existentes se dá no campo político. Seria indispensável que as reflexões teóricas também resultassem em posicionamentos para transformações da realidade objetiva.

As origens interdisciplinares do Jornalismo são enraizadas e dinâmicas, por isso o mergulho na própria identidade impõe a abertura para relação com os outros. Implica desencadear um movimento interdisciplinar no sentido da transdisciplinaridade (na percepção de uma totalidade) para reafirmar-se como disciplina. A totalidade referida não constitui um todo definitivo, pois é uma totalidade em permanente processo de totalização. Tudo remete ao reconhecimento do princípio da transitoriedade (eficaz enquanto dure sua estabilidade) e a tendência que há de as partes formarem sistemas.

Certas resistências dos jornalistas à interdisciplinaridade advêm, em boa parte, da defesa dos interesses corporativistas, imaginando que estará defendendo o seu campo disciplinar (incluindo o espaço profissional), quando, na verdade, está impedindo uma verticalização do Jornalismo no interior de si para descobrir e potencializar o que existe dos outros nele. Fortalecer estes vínculos é o modo de o Jornalismo se revitalizar, tornando-se imprescindível, na medida em que se perceber fundamental para outros campos do conhecimento, situação em que presta um serviço ao conjunto das sociedades.

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

Retomando o caráter político, voltado a ações, pode se dizer que aceitar o condicionamento das atuais estruturas de comunicação representaria o suicídio do Jornalismo. Seria não compreender, entre outros aspectos, devido à recusa em fazer uma imersão no próprio discurso, a oportunidade de transformações que as novas tecnologias da informação e da comunicação oferecem. Poderiam ser repensadas, neste viés, muitas questões da profissão; observadas e realizadas novas experiências comunicacionais; percebidas melhor as relações intrínsecas entre comunicação e jornalismo; aprofundada a compreensão sobre a importância da diversidade cultural e de suas respectivas manifestações.

O Jornalismo é chamado ao desafio da resiliência, isto é, de como pode, a partir do seu discurso, resistir, rever-se e reorganizar-se. As articulações neste caminho iriam exigir uma verdadeira descolonização mental, superando os entraves conceituais, materiais e até emocionais que o impedem de refletir inovadoramente sobre si próprio. As transformações são tão necessárias quanto inevitáveis, mesmo que para reafirmar, de outro modo, os mesmos princípios, desde que eles se mostrem válidos diante da realidade.

64 |

O Jornalismo, como campo disciplinar, renova-se na medida em que se abre a outros espaços de conhecimento e percebe o significado e o valor das mais simples experiências humanas de comunicação. Jornalismo é o reconhecimento dos outros e de suas perspectivas sobre a realidade social. Precisa fazer as narrativas das questões mais angustiantes, as mais profundas do ser humano, embora possa também tratar das amenas e do cotidiano simples. O seu grande papel nos tempos de hoje é ultrapassar o jogo de espelhos, a superficialidade, as aparências, para revelar elementos mais próximos possíveis da realidade social, de modo fidedigno.

O discurso jornalístico requer uma nova interpretação (leitura), atualizando-se no contexto, para ter condições de continuar a responder às demandas da sociedade e da ciência, caso seus valores fundamentais reafirmem sua validade. O dinamismo do Jornalismo não pode ser reducionista, limitado à pressa do acompanhamento dos fatos ou aos ditames das técnicas. Implica numa compreensão bem mais profunda sobre o constante movimento das culturas e das ciências. Nesse sentido, é indispensável se ter uma visão da

constituição do campo disciplinar do Jornalismo ao longo do tempo, em um processo histórico-dialético.

O poder do Jornalismo se afirma, enquanto situado nos limites do discurso que o legitima como campo ou disciplina. O exercício do poder além dessa dimensão significa ato ilegítimo, por não dispor do reconhecimento da ciência e da sociedade para tal. Esta ilegitimidade afeta a relação ampla de poderes previstos numa sociedade e os pressupostos de democracia. A aceção de jornalismo como o 'quarto poder' tem levado a diversas implicações na postura da imprensa, que merecem ser melhor analisadas. O 'quarto poder' seria a mídia, a imprensa ou o jornalismo especificamente?

O relato se depara com os sentidos do imediatismo e da imediaticidade, o qual compreendemos que possuem significados diferentes. No imediatismo, o sujeito se submete à lógica do que lhe é visível e o toca de modo direto, aceitando o fenômeno, identificado no aqui e no agora, como razão fundamental das coisas e referência orientadora para posicionamentos na realidade social. Já a imediaticidade leva o sujeito a tomar o imediato, expresso no fenômeno visível, como ponto inicial de um percurso interessado na revelação da razão das coisas, perfeitamente adequada à lógica do processo jornalístico.

Na crescente complexidade do mundo, os fatos, cada vez mais, não são os fatos. Os fatos são suas aparências. Os fatos reais estão por trás dos fatos visíveis. A notícia, cada vez mais, por trás da notícia. Na sociedade da informação, intensifica-se a disputa pelo simbolismo das imagens que configuram os fatos visíveis.

O campo do conhecimento e o campo profissional são as duas grandes dimensões do jornalismo. Esgotar o Jornalismo na profissão ou na esfera científica seria um reducionismo. O caráter profissional se constitui apenas em uma das dimensões do campo, marcada, naturalmente, pelo sentido da aplicação dos conhecimentos, enquanto que o âmbito científico cumpre o papel relevante de tomar este fazer comunicacional, refletir sobre ele abstratamente e/ou em experiências laboratoriais, para rerepresentá-lo dialeticamente à realidade.


O ato interdisciplinar como reafirmação do campo:

singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

Neste sentido, o Jornalismo se coloca diante de desafios e possibilidades. Compreendemos que perspectivas mais promissoras seriam delineadas se adotados os seguintes posicionamentos: a) abertura ao ato interdisciplinar, revitalizando-se no seu movimento dinâmico; b) outra relação com o poder, preocupando-se com a distribuição mais equitativa das estruturas comunicacionais na sociedade, ao mesmo tempo em que valoriza movimentos pela democratização da comunicação e as novas experiências jornalísticas que reafirmem o discurso tradicional em novas roupagens; c) organização da categoria profissional dos jornalistas, fortalecendo sua representação sindical, como também a luta pela exigência do diploma para o exercício profissional e a criação do Conselho Federal de Jornalismo para orientar a categoria sob o ponto de vista ético.

No complemento dos posicionamentos indicados, relacionamos: d) a consolidação e aperfeiçoamento dos cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo, porque estes usufruem de posição privilegiada para desenvolver o ensino interdisciplinar, por tratarem com produção midiática em que se expressam conceitos (abstração) e as técnicas (objetivação) aplicados; e) linha editorial, de fundo sociológico, expressando o núcleo do discurso, que encaminhe o jornalismo para compromissos sólidos com os direitos humanos; f) ética que recupere o valor da mediação jornalística, na trilha das concepções da dialética do concreto, proposta por Karel Kosik (uma mediação caracterizada pela perspicácia jornalística, ou seja pela ausência de ingenuidade – muito diferente da mera esperteza – orientada pelos seus compromissos sociais e competências profissionais, capaz de estabelecer os contrapontos dos fatos e de relacionar partes com a totalidade).

Nossa análise conclui que os fundamentos do discurso jornalístico têm possibilidades de se reafirmar. O caráter disciplinar do campo, mesmo que transitório, constitui um subsistema que não se esgotou como partícipe da elaboração dialética do conhecimento. É dever do Jornalismo contribuir decisivamente para transformar a atual 'sociedade da informação' numa desejável 'sociedade da comunicação'. E mostrar-se, desta forma, coerente com o seu discurso em favor da humanização do mundo, apontando para a

construção de sujeitos conscientes, autônomos, mas intersubjetivos e afeitos à sociabilidade. 

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOUILLI, Marie-France. A internet é uma utopia: o homem nunca foi tão sozinho. **IHU On-line**, São Leopoldo, ano 5, n. 164, p. 8-9, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao164.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CAPES. Diretoria de Avaliação. Documento da Área Interdisciplinar 2013. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Interdisciplinar_doc_area_e_comiss%C3%A3o_ATT27SET.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2017.

COSTA, Andriolli. Jornalismo, compartilhamento e credibilidade no contexto pós-industrial. **IHU On-line**, São Leopoldo, ano 14, n. 447, p. 11-14, jun. 2014a. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/447>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. Midiático por natureza – a construção do ciberacontecimento. **IHU On-line**, São Leopoldo, ano 14, n. 447, p. 15-17, jun. 2014b. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/447>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. Telejornalismo pós-industrial – drones, ninjas e jornalismo imersivo. **IHU On-line**, São Leopoldo, ano 14, n. 447, p. 18-20, jun. 2014c. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/447>>. Acesso em: 10 jun. 2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**: da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: BIANCHETTI, Lucídio; JANTSCH, Ari. **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

GADOTTI, Moacir. Realidade. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

O ato interdisciplinar como reafirmação do campo: singularidades e circunstâncias do jornalismo atual

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis Insular, 2009. (Série Jornalismo a rigor, v. 1).

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LIMA, Sônia Regina Albano. Mais reflexão, menos informação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS NETO, João dos Passos. **Fundamentos da liberdade de expressão**. Florianópolis: Insular, 2008.

MORAES, Vinicius de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**: jornalismo e cotidiano - do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. Problemas de uma epistemologia complexa. In.: MORIN, Edgar et al. (Orgs.). **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, 2002.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

PHILIPPI JUNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antonio (Orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri: Marole, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Fernando César. O ser interdisciplinar e a construção simbólica da 'cura' nos espaços educacionais. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

VAZ, Ana Lúcia. **Jornalismo na correntezza**: senso comum e autonomia na prática jornalística. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

VYGOTSKY, L.ev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.